

Mário Nogueira: “Quando sair, a única coisa que vou ser é aquilo que era quando entrei: professor”

PERDRO SOUSA TAVARES

Em entrevista ao DN, Mário Nogueira defende a greve dos professores e culpa o governo pelo momento em que esta acontece. Revela também que por vezes sente o desgaste da função, e gostaria de voltar à escola, mas ainda não decidiu se está ou não disponível para liderar a Femprom após 2019.

A greve de professores valeu a pena?

Valeu muito a pena. Se não valesse a pena, teria sido para o Ministério da Educação algo de irrelevante. Não teria sentido ter estado sentado, o ministro da Educação e a sua equipa, em dois dias, mais tempo do que diria em toda a legislação. Foram nove horas de reunião e, sobretudo, percebeu-se exatamente que tipo de abertura é que neste momento o governo tem para dar resposta aos problemas dos professores. Para aqueles aspetos que estavam em cima da mesa, foi absolutamente transparente até onde é que o ministério ou o governo irão e o que é que para eles, neste momento, continua a ser tabu. É a adesão dos professores, em particular do pré-escolar e do 1.º ciclo, foi das mais elevadas de sempre.

Do ponto de vista da opinião pública a altura era complexa, exames, a tragédia dos incêndios. Sente que as pessoas entenderam as razões da greve?

Preocupá-nos sempre a opinião pública mas aqueles com quem mais nos preocupamos são os professores. As confederações de pais, ao contrário até de outros momentos, não tiveram posições públicas que fossem de grande importância. Estivemos a distribuir na rua folhetos à população, evidentemente que houve quem estivesse a favor e quem estivesse contra, mas reações de uma animosidade grande, de uma revolta, não houve nada. Por que é que se faz nesta altura? Porque os governos sabem que está a ser uma altura muito difícil para os professores e empurram para o final do ano um conjunto de aspetos pensando que, chegando lá, estão satisfeitos

da contestação. Tivemos este filme com ministros como Lúcio Rodrigues e Nuno Crato. Em cima da mesa estiveram aspetos que estão colocados desde setembro. O ministro da Educação só não reuniu em maio conosco porque não quis. Adão,

Nestas reuniões sentiu-se que a Femprom queria levantar a greve. Se queriam, por que não o fizeram?

Quando admitimos suspender a greve foi admitindo também que o ministério teria compromissos mínimos. Se a nossa questão fosse não fazer a greve a qualquer custo, não a tínhamos feito. Acho curioso que nos perguntem se no contexto do país a greve se podia fazer ou não. A greve é um momento de afirmação de trabalhadores, neste caso professores, por aspetos que eles consideram ser seus direitos. Não me parece que a seleção nacional de futebol tivesse posto a possibilidade de deixar de jogar à bola. Não me parece que as festas de Lisboa ou o São João no Porto — e aí sim falamos de festividades — tivessem estado à beira de ser anuladas. É o legítimo. Com todo o respeito que as vítimas desta tragédia mereçam — e da Femprom receberam logo no dia em que o acontecimento se deu, sendo que tivemos a preocupação de dizer que os colegas deveriam estar na escola nesse dia (da greve) com os alunos, nesse caso — parece-nos que a vida continua.

E qual era os compromissos mínimos possíveis naquela altura?

O que quisemos foi de facto assegurar mínimos, não para levantar a luta, porque o levantamento da luta passou por um regime de aposentação especial, descompartamento de carreiras em janeiro, horários de trabalho resolvidos em setembro, as questões que têm que ver com a garantia de novos períodos de vinculação em 2018. Há ainda a gestão democrática das escolas. Isto é que levantara a luta. Aquilo que nós admitimos foi suspender aquele momento de luta perante compromissos mínimos do ministério.

...de negociação futura?

De negociação futura é, entre outros, dois que para nós eram muito impor-

PERFIL

• Secretário-geral da Femprom desde 2007, tendo sucedido a Paulo Suceira.

• É dirigente sindical a tempo inteiro há mais de duas décadas, liderando o Sindicato dos Professores da Região Centro.

• É professor do 1.º ciclo, com uma especialização em alunos com necessidades educativas especiais.

• “Roto” da Femprom, apesar de frisar que não decide nada sozinho, Nogueira diz que a greve foi uma afirmação dos professores e acredita que a sociedade entendeu os seus motivos.

antes. Um deles era uma resposta a três resoluções da Assembleia da República, aprovadas por unanimidade, de resolução do problema de carreira dos professores. O ministério recusou. E estranhou, porque o próprio partido do governo votou favoravelmente três vezes esta medida. E a outra que tinha que ver com a questão do desgaste em que, pelo menos, aquilo que nós quisemos foi que o Ministério da Educação aceitasse criar um grupo que puidesse aprofundar os problemas de desgaste dos professores e as causas e consequências desses problemas junto dos alunos. E o ministério também não quis.

O ministro diz que questões como o descompartamento das carreiras estão a ser estudadas pelo governo para toda a administração pública. Essa garantia não os convence?

Não. Acreditamos uma coisa que o ministério assumiu: que o descompartamento das carreiras terá lugar juntamente com o descompartamento geral da administração pública. Há no topo a possibilidade de em janeiro de 2018 descompartarmos as carreiras da administração pública, mas não descompartamos as carreiras dos professores. Garantida esta paridade há no entanto dois aspetos que terão de ser resolvidos antes, um que tem que ver com o acesso ao 5.º e 7.º escalões — uma portaria de vagas nunca publicada que o ministério agora assume que, essa medida, irá torná-la previamente ao descompartamento. Mas quando chegámos à questão dos 7500 professores que, em setembro, estão no 1.º escalão, apesar de deviam estar em outros escalões (pelo tempo de serviço), o ministério recusou isso em absoluto. E estranhou. Há três resoluções aprovadas na Assembleia da República que o recomendam.

As decisões na Femprom são tomadas em conjunto e quando aparece a comunidade faz questão de ter consigo os outros membros do Secretariado Nacional. Mas, para o bem e para o mal, a imagem que passa é que o Mário Nogueira é aquele que decide tudo...

Cada um forma as imagens que quer formar. Até a imagem: muitas vezes os colegas dizem que a Femprom não foi tão rígida



Mais fácil ou mais chumbos? Prova de Matemática divide opiniões

SECUNDÁRIO As duas associações da disciplina concordam apenas num ponto: o exame de ontem foi acessível e respeitava o programa

FÉDRO VILELA MARQUES

Os professores de Matemática consideram que o exame nacional da disciplina, que se realizou ontem de manhã, foi acessível. Uma opinião partilhada tanto pela Sociedade Portuguesa de Matemática (SPM) como pela Associação de Professores de Matemática (APM), que ainda assim discordam no grau de dificuldade da prova. A SPM defende que ela foi mais fácil do que o comum, enquanto a APM entende que o exame terá sido mais difícil.

“Preocupá-nos a opinião pública mas aqueles com quem mais nos preocupamos são os professores”

“Não fui dos que aproveitaram estar num sindicato a tempo inteiro para fazer o doutoramento ou tentar saltar para qualquer outra coisa, não procurei saltar no aparelho de nenhuma partido para poder ir para deputado. Quando sair daqui, a única coisa que vou ser é aquilo que era quando entrei: professor, no meu agrupamento. E o trabalho que me foi atribuído serão aulas, serão apoios. Serão as outras coisas todas normais na escola. É assim que deve ser.

Empressário do 1.º ciclo...

Exatamente. E com especialização também em alunos com necessidades educativas especiais.

Sente falta de trabalho?

Sim, e durante muitos anos — não é a mesma coisa mas é como se fosse — também fui trabalhando na parte desportiva com os jovens, com os alunos. Fui mantendo essa ligação mas muitas vezes, quando a pessoa anda mais cansada, aquilo de que gostamos mais de fazer é a profissão que temos. Não fui para ela por obrigação, fui porque queria

tos no plano ou a inclinação de testes, deixando de abordar, por outro lado, assuntos importantes como a função logarítmica e as suas propriedades”.

DIAP investiga fuga de informação do exame nacional de Português

A divulgação do diário leve ou LVE a anunciar, na quarta-feira, que iria remeter para a Inspeção-Geral de Educação (IGEC), para o Ministério Público informações sobre as alegadas fugas de informação, que teriam acontecido antes da realização do exame nacional do 12.º ano, que decorreu na segunda-feira, com tanta



Jaime Carvalho e Silva está preocupado com os exames de 2016, com novas metas

te de um sindicato de professores”. A divulgação do diário leve ou LVE a anunciar, na quarta-feira, que iria remeter para a Inspeção-Geral de Educação (IGEC), para o Ministério Público informações sobre as alegadas fugas de informação, que teriam acontecido antes da realização do exame nacional do 12.º ano, que decorreu na segunda-feira, com tanta



MUNICÍPIO DE OEIRAS. ASSEMBLÉIA MUNICIPAL. EDITAL N.º 29/2017

DOMINGOS FERREIRA FERREIRA DOS SANTOS, Presidente da Assembleia Municipal, faz saber que tem lugar no próximo dia 26 de junho, 2.ª-feira, às 16 horas, no Auditório Municipal, sito no Edifício da Biblioteca Municipal de Oeiras, em Oeiras, a SESSÃO ORDINÁRIA N.º 3/2017, com a seguinte:

ORDÉM DE TRABALHOS

1. Informação escrita do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras acerca da Autarquia do Município, nos termos do alínea c) do n.º 2 do art.º 25.º da Lei n.º 75/2003, de 22 de setembro;
2. Apreciação e Votação da Proposta CM/O n.º 26/17 - DGDG - relativa aos Documentos de Prestação de Contas Consolidadas de 2016;
3. Apreciação e Votação da Proposta CM/O n.º 27/17 - DGESE - relativa ao Plano Municipal para Atribuição de Avalios Económicos no âmbito do Apoio Social Escolar - Ano letivo 2017/2018;
4. Apreciação e Votação da Proposta CM/O n.º 30/17 - CP - relativa à Adesão ao EFUS - EUROPEAN FORUM FOR URBAN SECURITY;
5. Apreciação e Votação da Proposta CM/O n.º 326/17 - DMA - relativa ao Regulamento do Festival Municipal de Oeiras;
6. Apreciação e Votação da Proposta CM/O n.º 286/17 - DRPCT - relativa à Atribuição de apoios a "EVERYTHING IS NEW", para a realização do Festival "NOS ALIVE 2017".

Para consultar se publica este Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares de este. Oeiras e Assembleia Municipal, aos 19 dias do mês de junho do ano de 2017

Domingos Ferreira Ferreira dos Santos



Pondera passar o tetentamento?

Só temos congresso em 2019, estamos em 2017. Nem sequer é uma coisa em que esteja a pensar nesta altura. Ainda se a voltar a lecionar?

Vejo. Quando voltar para a minha escola. Não fui dos que aproveitaram estar num sindicato a tempo inteiro para fazer o doutoramento ou tentar saltar para qualquer outra coisa, não procurei saltar no aparelho de nenhuma partido para poder ir para deputado. Quando sair daqui, a única coisa que vou ser é aquilo que era quando entrei: professor, no meu agrupamento. E o trabalho que me foi atribuído serão aulas, serão apoios. Serão as outras coisas todas normais na escola. É assim que deve ser.

Empressário do 1.º ciclo...

Exatamente. E com especialização também em alunos com necessidades educativas especiais.

Sente falta de trabalho?

Sim, e durante muitos anos — não é a mesma coisa mas é como se fosse — também fui trabalhando na parte desportiva com os jovens, com os alunos. Fui mantendo essa ligação mas muitas vezes, quando a pessoa anda mais cansada, aquilo de que gostamos mais de fazer é a profissão que temos. Não fui para ela por obrigação, fui porque queria